

DISTÂNCIA E ERUDIÇÃO EM O NARRADOR DE *A FOME*, DE RODOLFO TEÓFILO

Helder Thiago Maia (ULisboa)

André Luis Pereira Vellanos (PPG-ECLLP-USP)

RESUMO

O presente artigo analisa o processo de distanciamento construído pelo narrador do romance *A fome* ([1890] 2011), de Rodolfo Teófilo. Para isso, examinamos a construção de apagamento da camada pobre no plano da intriga, a homogeneização e massificação da parcela de desvalidos no segundo plano da narrativa, bem como a heroicização, segundo os moldes europeu, da personagem Manuel de Freitas, descendente de família de posses, no primeiro plano da narrativa. Ademais, analisamos que o narrador lança mão do emprego, no discurso indireto, de linguagem cientificista e referências clássicas à mitologia grega com pretensão de ostentar erudição e reiterar o seu lugar de classe, pequeno-burguês, em comparação com a classe de “desvalidos”.

PALAVRAS-CHAVE: *A fome*, Erudição, Rodolfo Teófilo

ABSTRACT

This article analyzes the process of distancing built by the narrator of the novel *A fome* ([1890] 2011), by Rodolfo Teófilo. Therefore, we examined the construction of the erasure of the poor class characters on the novel's plot, their homogenization and massification in the background of the narrative, as well as the heroization, according to the European mold, of the character Manuel de Freitas, descendant of a wealthy family, in the foreground of the narrative. In addition, we analyze that the narrator makes use, through indirect discourse, of scientific language and references to Greek mythology with the intention of showing off erudition and reiterating his class, petit bourgeois, compared to the class of the “underprivileged”.

KEYWORDS: *A fome*, Erudition, Rodolfo Teófilo

O romance *A fome*, de Rodolfo Teófilo, publicado em ([1890]2011) é protagonizado por Manuel de Freitas, vaqueiro descendente de uma tradicional e importante família do sertão cearense. O sertanejo herdara do pai modesta fortuna e possuía uma boa educação. Porém, a chegada da seca de 1877 impele o sertanejo e sua família a se desfazerem de suas posses e a empreenderem uma longa caminhada em direção a Fortaleza. Essa campanha é narrada por meio de um exibicionismo erudito do narrador, que lança mão de um discurso empolado e cientificista, para narrar as adversidades sociais, geológicas e climáticas impostas à família, mas, também, para ostentar o espírito erudito desse narrador, que busca distanciar-se da camada pobre e de tudo que, em alguma medida, possa aproximá-lo dessa parcela “desvalida” da sociedade, seja por intermédio do apagamento dessa camada social no plano da intriga, seja pela heroicização de Freitas, personagem de origem abastada, ou mediante a linguagem presente no discurso indireto, que prefere flertar com o artificialismo linguístico a se valer de expressões nascidas em solo nordestino.

Freitas, antes da grande seca de 1877, possuía terras, gado e pessoas escravizadas. Além de todas essas posses, a personagem também desfrutava de influência política e chegara a ocupar cargos públicos, como Coronel da Guarda Nacional e Presidente da Câmara de seu município, segundo podemos ver abaixo:

Descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do alto sertão, herdara do pai modesta fortuna e a influência eleitoral na localidade. Sua educação havia sido completa para o tempo e estado do interior da província. Sabia as primeiras letras e um pouco de latim, língua essa com que os sertanejos ricos costumavam preñar os filhos (TEÓFILO, 2011, p. 18).

O fragmento acima apresenta a origem do vaqueiro, que era descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do sertão, e que, além de apresentar “educação completa” para o tempo e o contexto da região interiorana, sabia um pouco de latim, língua a qual os sertanejos abastados costumavam preñar os filhos. Assim, o narrador exhibe a descendência abastada de Freitas, personagem pertencente ao primeiro plano da narrativa, bem como a força física e a energia de caráter dessa figura, como podemos ver a seguir:

A fome como o cortejo de dores não pudera apagar os traços daquela carnação. A musculatura estava reduzida, mesmo assim ninguém duvidava que os braços daquele homem pudessem sustentar um touro pelos cornos. A caixa torácica bastante larga e bem conformada guardava os órgãos mais importantes da vida sãos e vigorosos. Naquelas formas não havia um traço que não denotasse virilidade. Os tons de tristeza, carregando-se até aos matizes da nostalgia, assentavam mal naquela figura máscula. O gigante entretanto, absorvido todo em desvendar o futuro, meio desalentado, deixava as tristezas, que havia escondido dentro d’alma, saírem e se colocarem em sua frente. Era

digna de reverência a postura meditativa do retirante a procurar seguir as miragens, que fugiam de imaginação afora.

A par da energia do caráter estava a bondade do coração, a doce expansibilidade no lar entre a família e os amigos. Aquela figura de aço, desfazia-se em carinhos no berço dos filhos, em serviços junto dos oprimidos.

Manuel de Freitas é o seu nome (TEÓFILO, 2011, p. 17-18).

O narrador ressalta a virilidade dos traços do sertanejo, enfatiza a figura máscula da personagem, chama-a de gigante, destaca a energia de caráter e salienta a sua bondade. Ademais vale enfatizarmos que essas características serão a todo tempo ressaltadas pela voz narradora, conforme podemos ver abaixo: “Era necessário água e onde encontrá-la? O sol ainda estava alto, e Freitas, arrostando a sede, a fadiga, o calor, decidiu-se, animado por um supremo esforço, a procurar a fonte” (TEÓFILO, 2011, p. 48). Ou ainda:

O trajeto era curto, e por isso, pouco depois de meio-dia, chegava ao rancho com a última raiz. Tinha mais de quinhentos quilogramas de matéria vegetal, que daria dez por cento de fécula, de uma substância alimentícia, a *goma de mucunã* (TEÓFILO, 2011, p. 70-71).

Nos excertos acima, fica evidente a preocupação do narrador em destacar o esforço colossal e hercúleo de Freitas para superar as adversidades impostas pela seca. No segundo fragmento, a exposição ao sol abrasador, à fome, à ausência de água, e a longa caminhada não foram suficientes para impedir o vaqueiro de carregar, sozinho, mais de meia tonelada de goma de mucunã. Esses atributos hercúleos e heroicos podem ser vistos também em outras passagens ao longo do romance, por exemplo, no trecho em que o sertanejo salva um recém-nascido, prestes a morrer, preso ao regaço da mãe, que falecera no momento do parto; esmaga, com a mão, morcegos que se alimentavam do sangue de uma criança, ainda viva; resgata uma família de cegos, deixando-a na cidade aos cuidados do padre; sepulta os defuntos que encontra pelo caminho; desarma com extrema habilidade e agilidade, semelhante a de um samurai, os comboieiros, que agrediam os retirantes, e, por último, salva uma jovem, ainda viva, da sanha de urubus que bicavam os olhos da moça e retiravam suas tripas.

Diferentemente da maneira como é apresentada e narrada a personagem Freitas, o narrador de Teófilo (1890) isenta o leitor de informações acerca da parcela pobre que enfrenta a seca de 1877, apagando, com isso, o passado dessas “figuras miseráveis” e despersonalizadas que compõem a massa homogênea de flagelados no segundo plano da narrativa. Desse modo, o apagamento da individualidade, na massa de pobres, revela o desejo de distanciamento do narrador em relação à realidade dos mais desvalidos, que são vistos e tratados, segundo a perspectiva preconceituosa do narrador, como suscetíveis à degradação moral, enquanto as camadas superiores

continuariam, conforme a óptica desse narrador, incorruptíveis e não predispostas à animalização, segundo podemos observar abaixo:

Pelejavam corpo a corpo. Não se ouvia o tinir de um ferro, mas percebia-se que as carnes dos lutadores eram rasgadas a dentadas. Enquanto os contendores rolavam no chão enovelados num amplexo fratricida, o sítio foi invadido pela onda que avançava sempre, e com uma gula difícil de descrever comiam a farinha a mãos cheias. Freitas observava compungido aquela luta pela existência. Lembrou-se ainda de pôr termo a ela, mas como se no delírio famélico embota-se o senso íntimo e o homem fica reduzido a bruto, a animal carnívoro, e que se vê faminto? Havia ali uma multidão de homens em tudo semelhante a uma manada de porcos esfomeados, a disputar o maior quinhão da ceva (TEÓFILO, 211, p. 79).

A heroicização de Freitas no plano da intriga, a ausência completa da camada pobre no primeiro plano e o apagamento da individualidade da parcela de desvalidos no segundo revelam o desejo de distanciamento do narrador em relação aos “flagelados”, afinal a voz narradora, ao passo que heroiciza Freitas, ex-proprietário de terras, e faz dele um Hércules à brasileira, animaliza os imigrantes provenientes das classes mais baixas. Ou seja, o narrador, letrado, intelectual e pequeno-burguês, enxerga proximidades entre a sua realidade socioeconômica e a do sertanejo Freitas, tendo em vista a condição social deste, descendente de uma das mais antigas e importantes famílias do sertão cearense, ex-fazendeiro e detentor de uma boa educação, dado que era conhecedor até da língua latina.

Dessa forma, entendemos, que a voz narradora ao isentar o primeiro plano da narrativa da presença da classe de desvalidos e ao apagar a individualidade destes no segundo plano do romance, transformando-os em uma massa despersonalizada e homogênea, busca distanciar-se dessa parcela da sociedade que, segundo a sua percepção preconceituosa, encontra-se distante da sua realidade de letrado e pequeno-burguês compartilhada com Freitas, daí a proximidade do narrador com essa personagem, uma vez que comungam na mesma classe social.

CISÃO ENTRE PALAVRA E MUNDO: UM DESCOMPASSO LINGUÍSTICO E HIERARQUIZANTE

A segregação da classe pobre também pode ser vista através da distância traçada no plano da linguagem, visto que o narrador busca afastar-se da fala dos sertanejos, por meio do emprego de uma linguagem cientificista, empolada e artificial, a qual deixa transparecer o descompasso linguístico entre o preciosismo do narrador, “erudito”, e a naturalidade da linguagem do caboclo.

Essa dicotomia, presa a preconceitos linguísticos históricos, promove cisão e impasse entre palavra e mundo e demonstra a distância entre o narrador e o universo ao qual está integrado, porém a partir de uma posição de classe superior. Assim, o narrador, preocupado com a sua

condição de intelectual e “guardião vernáculo”, opta por não descer de seu pedestal e assume na narrativa uma posição superior às personagens pobres.

Após 1872, segundo Antônio Candido, em *Formação da Literatura Brasileira (momentos decisivos)* (2017), o romance regionalista passa a ter como preocupação a fidelidade documentária a partir da análise social e, com isso, aproxima-se de uma abordagem científica dos aspectos sociais pertinentes à realidade. Em consonância com essa perspectiva, Rodolfo Teófilo, em *A fome*, ([1890] 2011), desenvolve uma escrita científicista, própria dos compêndios de fisiologia, conforme podemos inferir a partir do excerto abaixo:

A luz vinha, mas não podia tonificar-lhes os músculos depauperados pela inanição, relaxados pela atonia, pela fome! Nas fisionomias macilentas percebiam-se as torturas impostas pela profunda disresia do sangue. A miséria e os dias de jejum gastaram as reservas nutritivas acumuladas, comeram os glóbulos vermelhos do sangue, e, uma vez desaparecidos estes da circulação, o líquido nutritivo desfibrado perdera uma das qualidades mecânicas, a densidade, e a vida tornou-se penosa e aflitiva (TEÓFILO, 2011, p. 85-86).

O romance de Teófilo apresenta uma linguagem típica de compêndio fisiológico do naturalismo, isto é, exhibe termos e explicações técnicos vinculados à medicina, como podemos ver em:

Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozes. As pulsações eram incompletas, intermitentes, aceleradas, irrigando mal o cérebro, causando vertigens, zumbidos nos ouvidos, ou flagelando a todos os instantes!

[...]

A anasarca, consequência imediata daquela vida de fome, chegava como a última tortura.

[...]

E como era repugnante o aspecto da pele dos famintos! As funções da epiderme profundamente alteradas modificavam as qualidades físicas do invólucro cutâneo, tornando-se improficuo contra aquele estado fisiológico o maior asseio (TEÓFILO, 2011, p. 86-87).

Ademais, a obra também é recheada de informações das ciências naturais como temperatura, tipo de solo, latitude, clima, como se extrair o veneno da mucunã, nomes de plantas, caules e raízes que podem ser usados como alimentos. Todos esses aspectos não contribuem para o desenrolar do enredo, mas salientam o conhecimento enciclopédico de um narrador que busca demonstrar sua superioridade intelectual e distanciar-se das camadas pobres iletradas. Lucia Miguel Pereira observa acerca da linguagem de Teófilo ([1890]2011):

Se tivesse narrado com simplicidade os casos, por si mesmos dramáticos, que evocou, talvez houvesse logrado fazer uma obra interessante.

Sente-se que não lhe faltavam boa vontade, clarividência na escolha dos temas, uma certa sensibilidade. Sem ter precisamente dons de romancista, seria pelo menos capaz de tirar do seu abundante material alguns daqueles documentos humanos e sociais tão caros aos

naturalistas. Mas o desejo de exibir conhecimentos científicos lhe tornou o estilo, já de si empedrado e baço, comicamente desajeitado para a ficção.

[...]

Hoje, a despeito de algumas qualidades, decorrentes antes dos assuntos do que do valor literário, seus livros são inlegíveis (PEREIRA, 1957, p. 135-136).

Pereira (1957) destaca a ausência de simplicidade na linguagem de Teófilo ([1890] 2011) e evidencia o desejo do narrador de ostentar conhecimentos científicos, elementos que contribuem para a arquitetura de uma prosa inlegível, ou seja, de difícil inteligência. Outro crítico a apontar a ocorrência de termos científicas em *A fome* ([1890] 2011), mas também nos outros romances de Teófilo foi Alfredo Bosi em *História Concisa da Literatura Brasileira*, conforme vemos a seguir: “*A fome* (1890), *Os Brilhantes* (1895) e *O Paroara* (1899), de Rodolfo Teófilo, livros atulhados do jargão científico do tempo” (BOSI, 1980 p. 218). Assim como Pereira (1957), Bosi também destaca o caráter científico da voz narradora de *A fome* ([1890] 2011). Por último, Flora Süssekind, em *Tal Brasil, qual romance?*, aponta que a preocupação em *A fome* ([1890] 2011) é a caracterização patológica do homem e não a injusta relação de propriedade no Nordeste, conforme podemos perceber abaixo:

Doentes estão no romance de Rodolfo Teófilo dois organismos: o do retirante e a terra seca. E tudo se explica no terreno da *patologia* e dentro dos limites de uma *concepção organológica* da sociedade brasileira. Por isso, quando se fala do nordestino, a referência não é às suas condições de vida ou ao seu papel de retirante. Pouco importa que se trate de uma “histórica”, como Magda em *O homem* de Aluísio Azevedo, ou de um “retirante”. Num caso como no outro, o homem é visto como um paciente, como organismo doente submetido à vigilância de um saber médico. Basta que se pense na descrição feita por Rodolfo Teófilo em *Fome* dos retirantes: “Naqueles organismos a desordem era completa. O coração, que a pouca densidade do sangue, a abundância de leucócitos tornara irregular e tumultuoso, os afligia com sofrimentos atrozes.” (101, p. 102). Os “sofrimentos atrozes” característicos aos retirantes ficam circunscritos, portanto, à circulação de sangue, ao organismo doente. O que interessa aí é a caracterização patológica do homem, importando bem pouco a terra ou as relações de propriedade no Nordeste.

Como se sustentariam um texto como *Fome* ou uma interpretação “fisiológica” do Brasil, entretanto, quando um fenômeno como a do retirante começa a ser visto não mais como fato patológico, mas como fato econômico? (SÜSSEKIND, 1984, p. 85).

No fragmento acima, Süssekind (1984) critica a abordagem científicas de Teófilo ([1890] 2011) em detrimento da perspectiva de caráter social, dado que a narrativa atribui as mazelas da camada pobre a questões patológicas e não à injusta estrutura de classes presente na região Nordeste. Em seguida, a crítica continua a indicar a ênfase nas ciências naturais e na ausência das ciências sociais em *A fome* ([1890] 2011), nesse sentido Süssekind salienta a importância do romance *Vidas Secas* ([1938]2014), de Graciliano Ramos, na abordagem e denúncia das relações de exploração e propriedade no Nordeste, como podemos ver a seguir:

Quando as ciências naturais têm sua hegemonia roubada pelas ciências sociais, pelas explicações predominantemente econômicas da realidade social brasileira, não é mais o livro de Rodolfo Teófilo que se lê, mas um romance como *Vidas Secas* de Graciliano

Ramos. Aí não se fala em organismo doente, mas num retirante cuja representação desumanizada explica-se pela referência às relações de exploração e propriedade no Nordeste. Compara-se à descrição do retirante em *Fome* o seguinte trecho de um dos monólogos interiores de Fabiano: “Não, provavelmente não seria homem: seria aquilo mesmo a vida inteira, cabra, governado pelos brancos, quase uma rês na fazenda alheia.” A questão da propriedade (“fazenda alheia”) aponta diretamente para a animalização do retirante (“rês”). É a ficção marcando uma modificação de perspectiva na interpretação do país (SÜSSEKIND, 1984, p. 85-86).

Talvez, esse caráter científico tão evidente em *A fome* seja decorrente da sua formação na área das ciências naturais. Afinal, Teófilo era formado em Ciências Farmacêuticas, escrevera manuais de estudos científicos e teve ativa e ampla atuação social, em especial, no seu pioneirismo na campanha vacinal contra a varíola. Vale lembrarmos, ainda, que esse imunizador fora produzido e distribuído gratuitamente pelo próprio escritor, conforme assinala Luciana Murari em seu ensaio “O real inverossímil; ficcionalidade e pedagogia social na prosa regionalista de Rodolfo Teófilo” ([1890] 2011).

Com isso, depreendemos que o narrador de *A fome* (1890), por meio do emprego da linguagem científicista, procura distanciar-se, no plano da linguagem, da camada pobre. Esse fato, embebido de preconceito por parte do narrador, exhibe o descompasso linguístico, hierarquizante e artificial entre a linguagem da voz narradora e o vocabulário da parcela de “flagelados”.

A FOME: UM ROMANCE À EUROPEIA

O anseio do narrador em exalar erudição também está presente em cenas do romance e no modo de construção da personagem Freitas, que se dá a partir de referências a formas literárias que a literatura brasileira recebeu, ao longo de sua formação, dos países europeus. No texto “A presença do Ocidente”, Candido observa que dentre os quatro grandes temas que presidem à formação da literatura brasileira como sistema entre 1750 e 1880 está a incorporação aos padrões europeus. Ainda que o crítico aponte para um arco temporal determinado entre 1750 e 1880, compreendemos que há resquícios desse fenômeno em Teófilo ([1890] 2011), porquanto o seu instinto heroico e sua força sobre-humana nos remete a Hércules, herói grego da mitologia grega, segundo vemos a seguir:

Em pouco tempo chegou ao sopé do outeiro, que era formado por quatro grandes rochas superpostas.

Aquela mole de granito de milhares de toneladas era uma prova geológica dos cataclismos por que passou o globo. Talhadas a pique em todas as faces, eram de ascensão difícilíssima se não impossível. A superfície superior era erizada de alguns arbustos secos.

Freitas examinou com atenção a muralha a escalar. Nem um ponto vulnerável. A mole tinha a forma de um enorme polvo, cujos tentáculos eram grossos cipós que desciam do

vértice ladeando-a até o solo. As hastes lhe serviriam de escada. Avaliou-lhes a resistência, balançando com força a que achou mais forte, pendurando-se e executando alguns movimentos de vaivém. Estava presa à rocha como se fizesse parte de seus elementos. A altura a galgar era de dez metros. Pendurou-se ao cipó e sua musculatura ágil e forte em um instante pô-lo no vértice da rocha. Os músculos não precisavam do apoio; os braços guindavam o corpo e, para ostentarem força durante a ascensão, a cabeça esteve sempre no nível dos punhos. Quando a musculatura se contraía, via-se a manga da camisa no terço superior do braço se estiraçar com o volume do novelo de músculos. Freitas chegou ao vértice da pedra, mas difícil era galgar-lhe a superfície. Dez vezes esteve quase perdido, quase se precipitou, enfim, por um esforço supremo, pisou com firmeza a rocha (TEÓFILO, 2011, p. 36-37).

A partir dessa citação, fica evidente a pretensão de evidenciar o tamanho da façanha de Freitas. O narrador chega a fazer uso de superlativo e salienta que o monte “era formado por quatro grandes rochas superpostas”, “de milhares de toneladas”, “de ascensão difícilíssima se não impossível” e “Nem um ponto vulnerável”. Dessa forma, o narrador também não economiza em exaltar a fisiologia hercúlea da personagem, pois “sua musculatura ágil e forte em um instante pô-lo no vértice da rocha”, “Os músculos não precisavam do apoio; os braços guindavam o corpo e, para ostentarem força durante a ascensão, a cabeça esteve sempre no nível dos punhos” e “Quando a musculatura se contraía, via-se a manga da camisa no terço superior do braço se estiraçar com o volume do novelo de músculos”.

Além da construção de um Hércules à brasileira, o narrador de Teófilo ([1890] 2011), para descrever os dramas da seca de 1877 com ar de erudição, faz referência explícita ao mito de Prometeu, segundo vemos abaixo:

Não foi preciso andar muito para ser espectador de uma cena terrível. Um grande lajedo estirado ao rés do chão, guardado por um grupo de angicos desfolhados, servia de palco a um drama da fome. Deitada sobre a pedra, na postura de crucificada, uma mulher tão magra como uma múmia, era devorada ainda viva pelos urubus. Banquete horrível! Como o Prometeu, imóvel e sem ação, sente rasgarem-lhe as entranhas as garras e os bicos acelerados das aves malditas! Vivía, ainda, quando estas, que das alturas devassavam a terra, procurando repasto à fome, veem-na e descem sobre ela (TEÓFILO, 2011, p. 67).

Em outro trecho, Freitas, semelhante a Hércules que mata o leão de Nemeia em uma caverna, abate uma onça de quase dois metros, em uma gruta, utilizando a seu favor somente um chapéu de couro, como escudo, e um terçado, conforme vemos abaixo:

Era uma gruta digna de uma lenda. O fazendeiro quis ver mais de perto aqueles cristais, cuja lapidação refrangia também os raios luminosos, e arrastando-se pelo dorso da rocha, logrou, sem acidente chegar à entrada da gruta. Mal os olhos recebem a primeira impressão do recinto, a perspectiva do local, um espasmo veloz como o raio abala-lhe os nervos e é seguido de uma situação difícil, a de um perigo iminente.

Uma onça-pintada, tão grande, que media quase dois metros da ponta do focinho à extremidade da cauda, de pé no fundo da gruta, balançando o rabo, como fazem os gatos, olhava para Freitas.

[...]

Sem tirar os olhos do animal, com todo o vagar e não menos precaução, lança no solo as borrachas, tira o pesado chapéu de couro, e, com a mão direita arranca o terçado da

bainha. Tendo em uma das mãos o terçado e na outra o chapéu, corre sobre a fera. Esta encabrita-se, escancara a boca mostrando as compridas e aguçadas presas. Freitas agride a onça, com agilidade pasmosa, introduz-lhe o chapéu na boca, cravando-lhe ao mesmo tempo o terçado no coração. Essa cena foi instantânea, passou-se em uma fração de minuto. A fera mal teve tempo de armar o pulo. Quando ia atirar-se aos ombros de Freitas, cambaleia, ferida de morte, cai estrebuchando e seu derradeiro estertor foi um urro medonho e torvo que ecoou segundos pelos outeiros próximos até acabar-se ao longe (TEÓFILO, 2011, p. 39-40).

O narrador, logo no início da passagem, afirma que a gruta é digna de uma lenda. Porém, por extensão e segundo a maneira pela qual a cena é narrada, podemos interpretar que não somente a gruta era merecedora dessa atribuição, mas o próprio Freitas, que com maestria consegue vitimar a fera e, dessa forma, concorrer a posição de um mito, assim como Hércules.

Nesse sentido, entendemos que o narrador de *A fome* recorre a referências clássicas para alardear erudição, seja por meio da construção da personagem Freitas, que é narrado como um Hércules, ou através da alusão implícita ou explícita à mitologia grega, por exemplo, à cena na qual Hércules mata o leão de Nemeia e ao mito de Prometeu.

ERUDIÇÃO: UM ATRIBUTO A SERVIÇO DA ASSIMETRIA SOCIAL

A linguagem cientificista e a erudição expressa no discurso indireto de *A fome* ([1890] 2011) não deixa de ser uma forma do narrador reiterar a sua distância em relação à camada pobre e de reafirmar o seu lugar de classe, ou seja, de pequeno-burguês. O artificialismo da linguagem científica e a sapiência do narrador de Teófilo ([1890] 2011) estão a serviço da manutenção da assimetria social entre o narrador, erudito, e a parcela de “flagelados”, iletrados. Luís Bueno, em *Uma história do Romance de 30*, afirma que em *Suor* ([1934]2011), de Jorge Amado: “se trata de distância criada pelo intelectual, que se apartava voluntariamente, numa espécie de orgulho elitista” (BUENO, 2015, p. 248). Fabio Cesar Alves, em *Armas de Papel* (2016), assinala a respeito do livro *Memórias do cárcere* ([1953]2020), de Graciliano Ramos, o imbróglio da relação narrador-letrado e operário-iletrado:

De algum modo, já se expressa aqui um problema crucial para compreensão da terceira parte do livro: ao mesmo tempo que o narrador vai revelando a importância de ter se aproximado da ralé, quando se descortina um novo olhar sobre a realidade do país que, de certa forma, o partido também ignorava, há a autodenúncia da impossibilidade de identificação do intelectual pequeno-burguês com a massa de desvalidos (ALVES, 2016, p. 165).

Ainda que *A fome* ([1890]2011), *Suor* ([1934]2011) e *Memórias do cárcere* ([1954]2020) não sejam obras contemporâneas, entendemos que essa é uma preocupação antiga dos narradores, que podem até tratar da realidade da classe desvalida, porém de forma distante, sem que haja

possibilidade de identificação entre narrador, intelectual e pequeno-burguês, com a massa de flagelados. Candido (2017), em “A nova narrativa”, de *A Educação pela Noite*, sublinha:

Na tradição naturalista o narrador em terceira pessoa tentava identificar-se ao nível da personagem popular através do discurso indireto livre. No Brasil isto era difícil por motivos sociais: o escritor não queria arriscar a identificação do seu *status*, por causa da instabilidade das camadas sociais e da degradação do trabalho escravo. Por isso usava a linguagem culta no discurso indireto (que o definia) e incorporava entre aspas a linguagem popular no discurso direto (que definia o *outro*) (CANDIDO, 2017, p. 257).

A partir de Candido (2017), podemos depreender que o narrador, receoso em ser identificado à camada pobre, valia-se do emprego da linguagem culta no discurso indireto e destinava o emprego de vocábulos ao discurso direto.

Além da evidente preocupação da voz narradora de reiterar o seu lugar de classe através do emprego de uma linguagem empolada e da ostentação de erudição, vale lembrarmos que o número de pessoas alfabetizadas no Brasil do século XIX era ínfimo e pertencente à burguesia, segundo observado por Candido (2017) em “Literatura e Subdesenvolvimento”:

O analfabetismo e a debilidade cultural não influem apenas nos aspectos exteriores que acabam de ser mencionados. Para o crítico é mais interessante a sua atuação na consciência do escritor e na própria natureza da sua produção.

[...]

A penúria cultural fazia os escritores se voltarem necessariamente para os padrões metropolitanos e europeus em geral, formando um agrupamento de certo modo aristocrático em relação ao homem inculto. Com efeito, na medida em que não existia público local suficiente, ele escrevia como se na Europa estivesse o seu público ideal, e assim se dissociava muitas vezes da sua terra. Isto dava nascimento a obras que os autores e leitores consideravam altamente requintadas, porque assimilaram as formas e valores da moda europeia (CANDIDO, 2017, p. 176-179).

Assim, compreendemos que os escritores brasileiros, ao elaborarem suas obras de maneira “hermética” e segundo os padrões europeus, aproximavam estas das classes abastadas, mas, ao mesmo tempo, afastavam suas produções da sua terra e do homem supostamente “inculto”, ou seja, da camada pobre iletrada, que sofria dificuldades de acesso à educação e cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira parte deste artigo, analisamos que a voz narradora, munida de preconceitos em relação à camada pobre, isenta do primeiro plano da narrativa a presença da classe de desvalidos, apaga a individualidade destes no segundo plano do romance e transforma-os em uma massa despersonalizada e homogênea. Percebemos, também, que esse preconceito e distanciamento do narrador concernente à classe de desvalidos é decorrente da sua realidade de

letrado e pequeno-burguês e que tal posição social é compartilhada com Freitas, daí a proximidade da voz narradora com essa personagem.

Em “Cisão entre palavra e mundo: um descompasso linguístico e hierarquizante”, vimos que a segregação da parcela pobre também pode ser vista através da distância arquitetada no plano da linguagem, uma vez que o narrador busca distanciar-se da fala dos sertanejos, por meio do uso de uma linguagem cientificista, empolada e artificial, a qual revela um descompasso linguístico entre o preciosismo do narrador, “erudito”, e a naturalidade da linguagem sertaneja.

Na terceira, “*A fome: um romance à europeia*”, examinamos como o narrador de *A fome* ([1890] 2011) lança mão de referências clássicas para ostentar erudição, seja por meio da elaboração da personagem Freitas, que é narrado como um Hércules, ou mediante a alusão implícita ou explícita à mitologia grega, por exemplo, à cena na qual Hércules mata o leão de Nemeia e ao mito de Prometeu.

Por último, em “Erudição: um atributo a serviço da assimetria social”, analisamos como a linguagem cientificista e a erudição expressa no discurso indireto de *A fome* ([1890] 2011) é uma maneira do narrador reafirmar a sua distância em relação à camada pobre e de reiterar o seu lugar de classe, ou seja, de pequeno-burguês. Vimos, ainda, que o artificialismo da linguagem científica e a sapiência do narrador de Teófilo ([1890] 2011) são empregados com a intenção de manter a assimetria social entre o narrador, erudito, e a parcela de “flagelados”, iletrados.

Isto posto, apesar da relação pessoal do autor de auxiliar os mais desvalidos, por meio da sua profissão de farmacêutico, podemos afirmar que o projeto literário de Teófilo ([1890] 2011) está direcionado aos leitores brasileiros cultos e europeizados.

REFERÊNCIAS

AMADO, Jorge, Suor. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. São Paulo: Editora Cultrix, 1980.

CANDIDO, Antônio. **A Educação pela Noite**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2014.
_____. **Formação da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2017.

MURARI, Luciana. O real inverossímil: ficcionalidade e pedagogia social na prosa regionalista de Rodolfo Teófilo. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de (org.). **Regionalismo, Modernização e crítica social na literatura brasileira**. São Paulo: Nankin, 2010.

PEREIRA, Lucia Miguel. **História da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1957.

RAMOS, Graciliano. **Vidas Secas**. Rio de Janeiro: Record, 2014.

_____. **Memória do Cárcere**. Rio de Janeiro: Record, 2020.

SÜSSEKIND, Flora. **Tal Brasil, qual romance?** Rio de Janeiro: Achimé, 1984.

TEÓFILO, Rodolfo. **A fome**. São Paulo: Tordesilhas, 2011.